

CONTRIBUIÇÕES DA ARTE À PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL

ART CONTRIBUTION TO THE ACADEMIC AND EDUCATIONAL PSYCHOLOGY

COUTINHO, G. F.; OLIVEIRA, G. V.; FARIA, G. R.; ANDRADE, G. P.; SILVA, E. S.; MONTEIRO, M. S.; FLAUSINO, G. M.; PROENÇA, C. S.; MACHADO JÚNIOR, L. B. S.

Departamento de Psicologia – Centro Universitário das
Faculdades Integradas de Ourinhos – UniFIO/FEMM

RESUMO

Há muito tempo, o estudo da arte em suas diversas vertentes vem sendo de interesse da psicologia, no que diz respeito a sua utilização como ferramenta de trabalho. Buscou-se através deste estudo, caracterizar como a arte (em todas suas formas), é utilizada atualmente como instrumento indispensável, no que tange o trabalho feito pelo profissional em psicologia dentro das instituições escolares. Mediante conceitos importantes para esta abordagem crítica, o artigo trás levantamentos histórico sobre as condições em que a psicologia foi introduzida na escola; como a arte contribui para a função do psicólogo escolar; questões acerca de críticas embasadas no discurso de análise institucional de Foucault, e suas contribuições para pensarmos qual olhar este que o psicólogo deve ter ao adentrar no território escolar. A relevância deste estudo, deriva-se do fortalecimento deste trabalho, e da efetividade que estes atingem ao se basearam em métodos artísticos que visam a liberdade de expressão.

Palavras-Chave: Arte. Educação. Psicologia.

ABSTRACT

For a long time, the study of art in its various aspects has been of interest to psychology, regarding its use as a word tool. The aim of this study was to characterize how art (in all its forms) is currently used as na indispensable instrument in terms of the work done bu the professional in psychology within school institutions. Through importante concepts for this critical approach, the article brings historical surveys on the conditions under which psychology was introduced in school; how art contributes to the role of the school psychologist; questions about criticisms based on Foucault's discourse on institucional analysis, and his constributions to think about which view the psychologist should have when etering the school territory. The relevance of this study stems from the strengthening of this work, and the effectiveness that they achieve by relying on artistic methods aimed at freedom of expression.

Keywords: Art. Education. Psychology.

INTRODUÇÃO

A Psicologia é um campo muito extenso com várias áreas de atuação. Dentre elas, temos a Psicologia Escolar e Educacional. O surgimento da área está relacionado à psicomетria, que consistia na busca por uma psicologia experimental, inspirada nos paradigmas da Física. Desde a virada do século XIX para o XX, buscou-se a construção de materiais padronizados para aferir capacidades mentais, os testes psicológicos, com especial ênfase nas possibilidades de aplicação à Educação (PATTO, 1990).

Outro aspecto histórico da especialidade é o predomínio de um modelo clínico de atuação, voltado para o diagnóstico e “cura” dos problemas de aprendizagem apresentados pelos alunos, cuja ênfase situa-se nos fatores subjacentes ao indivíduo em detrimento das causas ligadas aos fatores institucionais, sociais e pedagógicos (ALMEIDA, 1999).

Hoje a teoria e prática da Psicologia relacionada a instituições de ensino não se restringe a testes, nem à compreensão dos fatores individuais. Volta-se à instituição e todas as pessoas que a compõem (os atores institucionais); busca, ainda, compreender qual seu papel na aprendizagem e em todos os processos educacionais.

Uma das possibilidades de atuação na psicologia, incluindo-se a Psicologia Escolar e Educacional, vem de sua relação com a Arte. No trabalho em escolas, essa é uma das principais ferramentas, podendo ser utilizada em quase todas as suas formas de expressão: desenho, pintura, teatro, escultura, dança, fotografia, cinema e vídeos, artesanatos, artes circenses, literatura.

MATERIAL E MÉTODOS

Nosso trabalho é fruto de discussões realizadas ao longo do primeiro semestre de 2019 no Núcleo de Estágio em Psicologia Escolar e Educacional da UniFio. Tivemos oportunidade de debater e aplicar ferramentas artísticas em nossas práticas. Apresentaremos aqui uma síntese teórica, a partir de levantamentos bibliográficos feitos através da ferramenta *Google Acadêmico*. Ainda que não se caracterize como uma revisão bibliográfica sistematizada, nossa pesquisa se mostra importante para uma compreensão geral da relação entre as práticas em Psicologia e o uso de ferramentas artísticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma possível definição de arte

Definir o que é Arte pode ser difícil. A arte se difere da ciência em sua essência e em vários de seus aspectos. Há caminhos a serem integrados, para que seja possível acessar a Arte em seu conteúdo, obedecendo ao caminhar do tempo, e suas transformações.

Segundo Gombrich (1999), a Arte com A maiúsculo não existe, o que se encontra são aqueles que compõem a arte, os artistas. Além disso, o autor observa

o que vem a ser arte, como “a expressão de uma época”, algo que expressa e simboliza um tempo. É uma maneira de observar diversas mentalidades daquele que produz, e de quem está a observar ou sentir.

A arte parece ser observada como um refúgio onde a “fantasia, a inconstância e as singularidades pessoais ainda são permitidas e até apreciadas” (GOMBRICH, 1999, p. 423). Partindo do pressuposto da arte como “a expressão de uma época”, a beleza e as imperfeições das produções artísticas estariam intimamente relacionadas com aspectos socio-históricos e culturais. Apenas para citar um elemento importante para nossa discussão, a auto expressão remete-se ao período romântico da Arte (séculos XVIII e XIX), junto de uma profunda busca do eu. Nesse sentido, a arte oferece liberdade ao artista de abandonar seu autocontrole, permitindo expressar-se de forma a ilustrar um momento histórico, levando em consideração o “eu interior” de cada artista. Trata-se de um modo de diagnosticar a verdadeira situação vivencial de determinado tempo.

Os gostos e padrões daquilo que venha a ser beleza variam subjetivamente e conforme o momento histórico. Isso também ocorre com as expressões, pois segundo Gombrich (1999), dificilmente o que apetece aos sujeitos que vivenciam uma obra de arte será o conteúdo ali expresso. As pessoas, em geral, quando desprovidas de acesso à educação para apreciação estética, se atém às impressões que as obras que lhes causam.

Gombrich (1999) compreende a arte enquanto expressões subjetivas; isso inclui o que se pode denominar como artes inatingíveis ou intocáveis, como o ato de observar uma paisagem e produzir sentimentos, sensações e emoções. Para essa concepção, a arte não tem um conceito que a defina decisivamente, irá sempre estar relacionada a sentimentos e a subjetividade de cada ser.

Ao longo do tempo podemos ver as diversas transformações dentro da prática escolar, no começo ela era destinada apenas a uma parcela da sociedade. Somente nos anos finais do século XIX com o fortalecimento do pensamento liberal, surge o debate sobre a difusão da escolaridade para a massa populacional e uma maior sistematização de ideias pedagógicas (ANTUNES, 2007). No Brasil, uma das primeiras formas de ensino era os jesuítas colonizando os nativos, as instruções eram conforme a concepção de civilização deles, associados a um controle e domesticação (OLIVEIRA-MENEGOTTO; FONTOURA, 2015).

Caracterização da Psicologia Escolar e Educacional

Desde os tempos coloniais encontramos preocupações com a educação e com a pedagogia no Brasil, que traziam elaborações sobre os fenômenos psicológicos. Massimi (1986), ao estudar obras produzidas no período colonial, no âmbito da filosofia, moral, educação e medicina, entre outras, identifica temas como: aprendizagem, desenvolvimento, função da família, motivação, papel dos jogos, controle e manipulação do comportamento, formação da personalidade, educação dos indígenas e da mulher, entre outros temas que, mais tarde, tornaram-se objetos de estudo ou campos de ação da psicologia.

Um dos objetivos do processo educacional é a domesticação dos corpos e a disciplinarização. Mello e Pinho (2013) em seu trabalho analisam o poder a partir de Michel Foucault e citam que a escola, assim como quartéis e prisões, são instituições que utilizam o poder disciplinar, que constrói a pessoa a partir da ação de poder sobre o corpo dela, vindo do exterior e internalizando-se no indivíduo. A disciplina é um instrumento de controle usado para domesticar os comportamentos considerados divergentes. O modo como a sala de aula é disposto já nos diz muito de como esse poder disciplinar funciona: o professor à frente e os alunos em fileiras, podendo só sair de lá quando lhe derem permissão.

Em sua história, a Psicologia Escolar sempre esteve ligada aos testes psicológicos, que voltavam os seus esforços apenas para os problemas de aprendizagem e buscavam mensurar a inteligência dos alunos. Segundo Souza *et al* (2017), outras intervenções que permeavam o trabalho do psicólogo escolar eram as estratégias de reeducação e educação compensatória. Os estigmatizados como “alunos-problemas” eram tratados individualmente, considerando se estavam aptos ou não a aprender. Esse tipo de tratamento era vinculado a práticas de dominação, discriminação e exclusão, que tratam os problemas dando uma ênfase no ajustamento, que desconsideram a instituição e suas relações sociais (PATIAS; GABRIEL, 2011). O trabalho era simplesmente avaliativo, sem levar em conta as forças externas e internas que atravessavam o aluno.

Patto (1990) critica os modelos de medida de inteligência e busca substituir esse paradigma, levando em conta a história do aluno, seu contexto sociocultural, as desigualdades sociais e o despreparo da escola. Segundo Souza (2009), essas críticas são indispensáveis e o autor aponta elementos importantes para a pesquisa e atuação junto à Educação. Para ele, é indispensável:

a) a importância de pesquisarmos os fenômenos educacionais a partir dos processos que acontecem no interior da escola; b) a necessidade de encontrar modelos teórico-metodológicos que superassem a noção unilateral de adaptação da criança ao sistema escolar; c) o destaque para a necessidade de autonomia do trabalho do psicólogo em relação ao corpo dirigente da instituição escolar; d) a reconstituição da identidade do psicólogo no campo da educação.” (SOUZA, M.P.R. 2009).

Loureiro (s/d) usa o termo “Nova Escola” para descrever as mudanças que houveram no contato da Escola e da Psicologia. Ele afirma que esse momento se fundamentou em um novo posicionamento sobre a infância, que reconhece que as causas das dificuldades estejam nos métodos de ensino e não exclusivamente no aluno. Trata-se de um movimento educacional cujas consequências podemos sentir até hoje, mesmo com todas as críticas que devam ser feitas a ele.

Hoje o psicólogo escolar trabalha diferentes questões que poderão surgir no contexto institucional, como problemas relacionais ou mesmo de aprendizagem, mas apresentados envolvendo a escola de maneira total. A psicologia tem que atuar na escola, estudando-a, considerando as questões e fatos educacionais, além do cotidiano dos sujeitos que estão inseridos nela (PATIAS; GABRIEL, 2011).

Em relação ao contexto de atuação, o psicólogo escolar se define independentemente do espaço profissional que possa ocupar. Meira (2000) e Tanamachi (2000) defendem que o espaço de atuação do psicólogo escolar se abre para outros contextos profissionais que não apenas a escola, uma vez que entendem que o psicólogo escolar se define como tal por estar inserido na Educação de forma geral. Assume-se que a escola seja o contexto principal de atuação do psicólogo escolar, apesar de não se configurar como o único, uma vez que atuações relevantes em Psicologia Escolar e Educacional têm se desenvolvido em outros contextos educativos, como é o caso de creches, cursinhos pré-vestibular, organizações não governamentais etc.

O psicólogo escolar que entra em uma instituição, precisa inicialmente mostrar para que está ali. Uma reunião inicial com a equipe pedagógica (orientadores, supervisores e direção, assim como professores) se faz necessária, não só para colher dados concretos acerca da escola, mas principalmente para demonstrar que visão de sujeito o psicólogo tem, o que pensa acerca dos problemas de aprendizagem, que estratégias diferenciadas tem a oferecer, além do esperado atendimento individual na sala do psicólogo. Da mesma forma, o profissional precisa

criar um espaço para escutar as demandas da escola e pensar maneiras de lidar com situações que são cotidianas. Precisa criar formas de reflexão com todos os sujeitos (alunos, professores e especialistas) para que se possa trabalhar com suas relações e paradigmas.

Para Almeida (1999), o papel do psicólogo escolar implicaria em lidar com a subjetividade e as relações interpessoais no âmbito da escola e em proporcionar aos docentes e demais profissionais da Educação uma reflexão sobre sua prática educativa.

Gomes e Gomes (1998), ao discutirem sobre a atuação do psicólogo escolar, no Brasil, tanto no que se refere aos dados da literatura acerca da atuação profissional quanto à percepção que a equipe de profissionais da educação tem sobre o psicólogo, concluem que as equipes escolares esperam do psicólogo escolar ações imediatistas, porém, o psicólogo escolar não trabalha para melhoras imediatas, e sim para que possa oferecer melhores condições à instituição e aos sujeitos que nela estão inseridos, a longo prazo.

As ferramentas de expressão artística

O método tradicional da psicologia é baseado na linguagem verbal, o que desde seu início tem trazido consideráveis ganhos para essa ciência e profissão. A arte vem para ampliar essas possibilidades de expressão. Reis (2016) afirma que a arte traz significativas, pois ao expressar-se através dela, o indivíduo não passa pelo crivo da racionalização, obtendo então algo mais direto de seu universo emocional.

Existem muitos métodos que utilizam meios de expressões artísticas para fins terapêuticos. A arte é uma ótima ferramenta de trabalho para o psicólogo, sendo um meio de abordar a subjetividade do sujeito, podendo ser usada para além da clínica. É importante instrumento de intervenção para a Psicologia escolar, social, organizacional – entre outras – como diz Reis (2016) em seu artigo:

A arte é um poderoso canal de expressão da subjetividade humana, que permite ao psicólogo e a seu cliente, seja ele um indivíduo, seja um grupo, acessar conteúdos emocionais e retrabalha-los através da própria atividade artística. (REIS, 2016).

As contribuições da Arte na Psicologia podem ser pensadas a partir da Psicologia Histórico-Cultural, cujo principal autor é Lev Vygotsky. Nessa perspectiva, a Arte possui papel de mediadora na formação e no desenvolvimento psicológico.

Assim, podemos pensar que a psicologia da arte parece ter dois objetivos essenciais: (a) revelar a vivência psicológica que a obra de arte objetiva e (b) explicar as consequências da resposta estética no psiquismo do homem. (BARRACO; SUPERTI, 2014, p. 29).

Ao se pensar no desenvolvimento humano, a teoria de Vygotsky se fundamenta na constituição social do psiquismo e apresenta importante perspectiva para a atuação de profissionais da área educacional e psicológica, além de também possuir uma produção no campo da arte.

Em sua obra “Psicologia da Arte”, Vygotsky (1999) se volta à proposta de uma Psicologia da Arte que não esteja limitada a questões individuais, mas que possibilite pensar a dialética entre a sociedade e o indivíduo. Não haveria preocupação em relacioná-la à ‘psicologia’ do autor da obra, ou de seu receptor. A busca é pelos mecanismos psicológicos presentes na expressão e na apreciação artística, bem como na crítica de arte.

Barraco e Superti (2014, p. 23) afirmam que, para Vygotsky, “a arte está em permanente relação com a realidade objetiva, compreensão que lhe permitia enxergar a potencialidade dessa elaboração humana”. A arte altera não somente emoções e sentimentos, mas o psiquismo globalmente, com novas organizações, participando da constituição das funções psicológicas superiores, aquelas tipicamente humanas.

É possível pensar a arte enquanto mediadora na formação e no desenvolvimento psicológico, além de sua intrínseca influência na criação e criatividade do criador.

Para nossa prática em escolas, pensamos no fazer artístico como mediador para as questões pertinentes em nossa área. O psicólogo atuante em instituições educacionais é um mediador entre aquele que aprende e a cultura organizada e transmitida através da instituição escolar. Entendemos aqui *cultura* como todos os elementos produzidos e acumulados pela espécie humana (LEONTIEV, 1978), sistematizados pelo sistema escolar de maneira que apresente o mundo social à criança e ao adolescente, bem como o introduza a esse mundo, capacitando-o para

a sociabilidade e as exigências da sociedade. A escola é um laboratório de relações sociais, indispensável para o desenvolvimento global de cada indivíduo.

Tais relações sociais podem ser planejadas e executadas por diferentes mediadores, como o professor, que ensinaria o complexo sistema teórico e histórico dos signos estéticos; pelo psicólogo, o qual poderia usar a arte como ferramenta para promover desenvolvimento de diferentes funções psicológicas e da própria personalidade; (BARRACO; SUPERTI, 2014, p. 23).

A arte permite que possamos analisar questões a partir de outros pontos de vista, uma visão do externo para o interno. Metaforicamente, como um espelho, permite que enxerguemos a vida de diversas formas, com diferentes perspectivas. Permite ainda, quando observando um quadro por exemplo, sentir aquilo que se passava com o autor da própria obra.

A arte faz sentir, faz também questionar-se, faz pensar e refletir. Contribui para a autonomia do sujeito que a estimula, como diz Beirão (2013) “o conseguir pensar individualmente ajuda a perspectivar as situações de diferentes maneiras.” Ela cita como exemplo as crianças que representam através do desenho suas memórias. Isso é utilizado pela Psicologia em muitas áreas: com crianças, por exemplo, os desenhos por elas feitos podem ser interpretados como a representação de seu próprio mundo interno, o que ajuda as crianças a trabalharem suas questões de forma lúdica.

O fazer artístico também pode ser empregado sem ter como objetivo a interpretação do conteúdo expresso artisticamente. A ação de expressar-se de maneira não verbal é indispensável para o desenvolvimento emocional e isso não depende de estar diretamente relacionado a uma produção a ser interpretada pelo psicólogo. Quando apreciamos um objeto estético, ou quando produzimos arte, mesmo que sem preocupação técnica, estamos a entrar em contato com nossa subjetividade de uma maneira que já não está presa ao conteúdo verbal, nem à racionalidade. Isso permite nos deslocarmos de nosso posicionamento cotidiano frente à vida e entrarmos em contato com questões as quais não permitimos que venham à tona rotineiramente.

Vygostky (1999) reelabora o conceito aristotélico de *catarse* para abordar a importância da Arte em um trabalho psicológico com os sentimentos e emoções. A descarga emocional que pode ser mobilizada pela Arte produz uma elaboração dos

sentimentos envolvidos, permitindo sua racionalização, isto é, a reflexão sobre suas origens, sua importância e sua presença em nossas vidas. Para isso, a arte necessita se apresentar contraditória, pois isso produzirá uma contradição emocional, que é essencial na ideia de catarse do autor. Ela implica uma anulação de sentimentos contrários, que pode ser benéfica ao produzir a purificação emocional, um estado em que compreendemos nossas emoções, sem sermos tomados por elas de maneira irrefletida.

CONCLUSÃO

Tomando a teoria histórico-cultural de Vygotsky para nossa reflexão sobre as possibilidades de diálogo entre Arte e Psicologia, podemos elencar dois pontos cruciais, a partir dos quais outros debates podem se iniciar.

O primeiro aspecto diz respeito ao uso da Arte como mediador para a aquisição cultural e para o desenvolvimento da sociabilidade, dois dos mais importantes elementos construídos e proporcionados pela escola. O seu uso está ao alcance do psicólogo, enquanto este assume seu papel também como educador. Essa visão implica que o profissional escolar não se prenda às exigências de diagnóstico e tratamento de problemas e transtornos de aprendizagem. Ele auxilia na formação global do aluno, o que envolve tanto aspectos cognitivos, quanto relacionais e emocionais.

A respeito destes últimos, temos o segundo ponto. A Arte é importante mediadora para o desenvolvimento emocional, bem como para a elaboração de sentimentos e afetos. Isso inclui aspectos deixados de lado ao longo do dia a dia, devido às exigências de que sejam cumpridas as exigências escolares. Também contribui para a elaboração de questões emocionais mais profundas, incluindo aquelas de potencial conflitivo.

Tanto a apreciação estética, quanto a produção artística, mesmo que desprovida de fundamentação técnica, são úteis para todas as possibilidades que a Arte oferece para nosso trabalho. A profissão de psicólogo tem muito a ganhar com o crescente conhecimento e elaboração de ações que aliem a fundamentação teórica da Psicologia à prazerosa contribuição da Arte.

REFERENCIAS

ALMEIDA, S. F. C.. O psicólogo no cotidiano da escola: re-significando a atuação profissional. ***Psicologia escolar: LDB e educação hoje***. Campinas: Editora Alínea. 1999.

ANTUNES, M. A. M. Psicologia escolar e educacional: história, compromissos e perspectivas. **Cad. psicopedag.**, São Paulo, v. 6, n. 11, 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492007000100008&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 27 fev. 2019.

BARRACO, S.M. ; SUPERTI, T. **Vigotsky e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano**. Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR. an. 2014, pag. 22 a 31. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/04.pdf>>

BEIRÃO, A. (2013) **Quando a arte nos ajuda a refletir**. Disponível em: <<https://www.oficinadepsicologia.com/quando-a-arte-nos-ajuda-a-refletir/?fbclid=IwAR1HoC0EV1i5oFs9hCv88QOL3RHBml0T92dVbDBsbi04EUmmv6LgCQPX-il>>.

BOCK, A. M. B. Psicologia da educação: cumplicidade ideológica. **Psicologia escolar: teorias críticas**. Casa do Psicólogo. p. 79-103. 2003.

GOMES, V. L. T. & GOMES, R. C. O. Atuação do psicólogo escolar no Brasil: limites e desafios. **IV Congresso Nacional de Psicologia Escolar**. ABRAPEE: João Pessoa. 1998.

HILARIO, H. A. M. **O preconceito nos discursos e nas atitudes que permeiam o ambiente escolar**. Cadernos pde, v. 1. Universidade Estadual de Londrina. 2013. Disponível em:<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uel_ped_pdp_heloisa_aparecida_de_melo_hilario.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2019.

LEONTIEV, Alexei. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.

LOUREIRO, M. C. S. **A definição da psicologia da educação e sua evolução no Brasil**. 1997.

MASSIMI, M. As origens da psicologia brasileira em obras do período colonial, in: **História da Psicologia**. São Paulo, EDUC, *Série Cadernos PUC-SP, n. 23*, 1987. MEIRA, M. E. M. Psicologia Escolar: pensamento crítico e práticas profissionais. In: TANAMACHI, E. de R., PROENÇA, M.; ROCHA, M. L. **Psicologia e Educação: desafios teórico-práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MELLO, W. PINHO R. T. **Disciplinarização no contexto escolar**. XXVII simpósio nacional de história. ANPUH Brasil. 2013.

MENEGOTTO, L. M. O; PASINI, A. I.; LEVANDOWSKI, G. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 203-215, ago. 2013. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000200016&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 19 mar. 2019.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, L.M. FONTOURA, G. P. Escola e Psicologia: Uma história de Encontros e Desencontros. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Vol. 19, N. 2. 2015

PASSAMANI, Eliana Pauleski. **Alternativas didático-pedagógicas para a prevenção do preconceito e *Bullying* na escola**. Programa de Desenvolvimento Educacional/PDE. SEED/PR. Maringá/PR. 2016. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edespecial_uem_elianapauleskipassamani.pdf>. Acesso em: 30 maio 2019.

PATIAS, N. D. GABRIEL, M. R. Psicologia escolar/educacional no Brasil: **como era e como é ou deve ser**. 2011. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0616.pdf>> Acesso em: 27 fev. 2019.

PATTO, M. H. S. A produção do fracasso escolar: **histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T. A. Queiroz. 1990

REIS, A. C. (2016) **Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo**. Disponível em: <https://psibr.com.br/leituras/psicologia-clinica/arteterapia-a-arte-como-instrumento-no-trabalho-do-psicologo?fbclid=IwAR1-5uG6bt_G-rZ_2f59zQhp0kWT9er-l2rxi321wyC92Tpultm4rBNpmbA>.

SALLES, L. M. F.; SILVA, J. M. A. P. E. **Diferenças, preconceitos** SOUZA, M. P. R. ET AL. Atuação do psicólogo na educação: análise de publicações científicas brasileiras. **Psicol. educ.** São Paulo. n. 38, p. 123-138, jun. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752014000100011&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 10 mar. 2019.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.